

VI - LEMBRAR OU ESQUECER: A ESCOLHA

Quis saber para que serviriam os exames e como são chamados os aparelhos que foram usados conosco quando chegamos. E nossa conversa continuou.

Karran – As montagens pequenas servem para sabermos se vocês são portadores de alguma doença que possa nos contaminar. A montagem em forma de cilindro acusa a capacidade visual, se evoluiu ou regrediu, e tanto a visão como a audição de seu povo estão cada vez com menor capacidade.

Bianca – Como é que vocês fazem para vir a nossa terra sem serem vistos, já que nós temos tantos postos de observação do espaço?

K – Conhecemos todos os seus postos de observação do espaço e suas localizações, mas nossos campos de energia impedem que eles possam nos detectar, a não ser quando queremos que isto aconteça.

B – Eu posso saber mais sobre estes campos de energia? – perguntei.

Ele então pediu ao rapaz, que estava do seu lado, que lhe trouxesse alguma coisa. Durante este intervalo não houve comunicação alguma conosco e eu, ansiosa, aguardava sua resposta. Quando o rapaz voltou, entregou a Karran uma fotografia do tamanho de uma folha de caderno, das naves que estavam no piso inferior.

Usando aquela foto, ele explicou-me pacientemente tudo o que eu queria saber a respeito da nave. Falou-me sobre uma espécie de anel brilhante, que circunda toda a nave e fica localizado na parte exterior, dizendo-me que aquele anel era um captador de energia e que a energia era retirada do espaço, fazendo funcionar a nave e todos os aparelhos que nós estávamos vendo ali naquela sala. Mostrou-me várias outras coisas referentes à nave, inclusive o papel que ele segurava.

Era um papel muito estranho, pois podia ser amassado dentro da mão, e voltar ao normal. Foi o que Karran nos mostrou.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

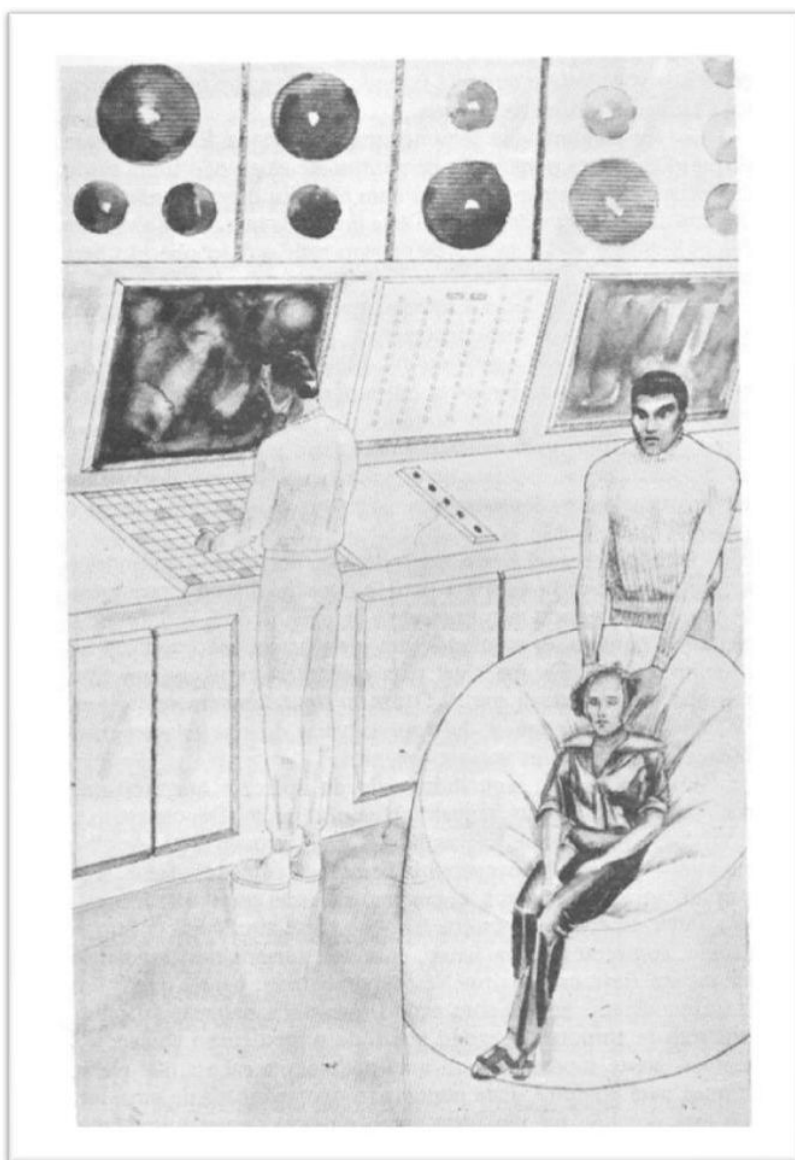
Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Quando ele soltou o papel este voltou ao normal sem nenhuma marca de amassado. O papel não era fino e, à primeira vista, parecia ser pesado, mas, ao pegá-lo, via-se que, na verdade, ele era muito leve. A sensação que tive, ao pegá-lo, foi quase a mesma de estar segurando em borracha. Mas ele rasgava-se tão facilmente quanto os nossos papéis.

Depois destas explicações ele disse-me que ia nas dar algo para beber. Como eu não tinha gostado do primeiro líquido que a moça nos tinha dado e também não estava com fome, disse a ele:



... -, Para nós também é importante ter em seu mundo pessoas que não nos temem – respondeu ele ...

– Não, obrigada, eu não estou com fome!

– Este líquido não é alimento. Ele vai apagar das suas memórias tudo o que vocês viram e ouviram durante o tempo em que aqui estiveram. – explicou-me Karran.

Pedi licença para falar, pois eu não estava disposta a tomar o tal líquido. Eu não queria de forma alguma esquecer aqueles momentos em que estive com eles. Perguntei a Karran se seremos obrigados a tomar o tal líquido.

Respondeu-me que era necessário, porque me evitaria



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

muitos problemas, pois, quando falássemos com outras pessoas sobre o que havia acontecido, seríamos criticados e julgados pela maioria das pessoas. Mas o maior problema é que eu também poderia ser tomada por uma pessoa com deficiência mental e que isto não seria bom para mim.

Eu, porém, insisti com Karran, dizendo-lhe que eu não queria, de maneira alguma, esquecer tudo o que eu tinha visto e ouvido somente pelo fato de que alguém pudesse achar que eu era louca. Afinal, em um mundo de tantos loucos, um louco a mais, não faria nenhuma diferença.

– Nenhum homem deve impor a outro sua vontade, e eu creio que você sabe o que está fazendo, sendo assim não vou forçá-los a esquecer – disse-me Karran.

– Eu perguntei-lhe se nunca mais iria vê-los. Ele mostrou-se surpreso com esta pergunta e perguntou-me se eu não tinha medo de entrar novamente em contato com eles. Eu disse que não e que isto me daria um grande prazer. Disse-lhe ainda que o medo vem do desconhecido e eles não representavam mais o desconhecido para mim.

– Para nós também é importante ter em seu mundo pessoas que não nos temem – respondeu ele.

Em seguida, ele caminhou em direção ao aparelho maior daquela sala, abriu uma pequena porta e retirou de lá um aparelho que trouxe até junto de mim dizendo:

– Para um novo contato é necessário que se faça um registro de suas ondas cerebrais nesta montagem. Isto vai doer e vai lhe provocar sensações estranhas. Mas isto só será feito, se você quiser. É sua a decisão.

Pensei e cheguei à conclusão de que, por maior que pudesse ser esta dor, na certa valeria a pena, e disse-lhe que eu estava pronta. Ele, então, retirou meu capacete e o aparelho do braço, fazendo o mesmo consigo, e, segurando em meu braço, me conduziu ao aparelho grande. Fez-me sinal para que eu me sentasse em uma poltrona que estava ali perto. O outro rapaz também veio junto.

Eles conversavam entre si. Não sei explicar do que falavam, mas fiquei atenta a todos os seus movimentos.



O rapaz, então, segurando o fio do aparelho que estava na mão de Karran, ligou-o naquele aparelho grande. Depois apertou vários botões no painel. Em seguida, Karran colocou o tal aparelho em minha cabeça. Este aparelho parecia-se com dois fones. Foi ajustado aos meus ouvidos, e, enquanto Karran os segurava, comecei a ouvir um zumbido muito estranho. Este zumbido era fino e, quando começou, estava baixo, mas foi aumentando gradativamente, até ficar muito alto. Neste momento eu pensei que todos estavam ouvindo aquele som agudo que vinha daquele aparelho.

Este som se tornou tão agudo que todo o meu corpo começou a trepidar. Neste momento senti uma pontada na cabeça que partia da nuca para o centro. Esta pontada foi acompanhada de uma dor, mas esta dor não foi tão forte como eu estava esperando. Mas o meu medo era tão grande que eu transpirei, a ponto de molhar minha roupa. Mas logo depois desta pontada, o som começou a diminuir de volume até desligar totalmente. Karran retirou os fones e guardou-os no mesmo lugar em que estavam antes.

Enquanto isto, o outro rapaz veio em minha direção, e, num gesto de carinho, segurou com certa firmeza minha mão e sorriu. Regressamos novamente para o lugar onde havíamos deixado os capacetes. Depois de ligá-los novamente, Karran me avisou que eu deveria descansar um pouco e continuou a conversar com o meu companheiro que, do seu lugar, assistia a tudo com muita curiosidade.

Quando Karran, novamente, voltou sua atenção para mim, perguntei-lhe se agora eu ia poder falar com ele e vê-lo sempre que eu quisesse. Respondeu-me que vê-lo novamente, já não dependia dele. Explicou que não poderia dizer-me, naquele momento, se voltaria ou não, na próxima viagem do seu povo à nossa terra. Mas sempre que uma nave deles estivesse por perto, o registro da minha frequência seria colocado em uma montagem que ampliaria as ondas e as lançaria no espaço. Então, eu ouviria claramente o que estaria sendo dito a mim no momento. Para que eu pudesse responder ou perguntar, bastaria que eu conversasse normalmente. A pessoa que estivesse fazendo este trabalho dentro da nave ouviria claramente tudo o que eu dissesse. Somente desta maneira é que eu poderia saber onde e quando eu iria tornar a vê-los.

Referi-me novamente ao tal líquido, que nos foi oferecido. E quis saber, caso tivéssemos tomado, se ele faria mesmo com que esquecêssemos tudo.



Karran respondeu-me que há um tipo de pessoa em que o líquido não desfaz totalmente as imagens que foram registradas em sua memória e nem o que foi dito. E quando isto acontece, tanto as imagens obtidas como o que foi falado ficam sem sentido. As imagens podem representá-los como pessoas monstruosas. A conversa perde completamente o seu significado. Há, no entanto, pessoas que esquecem totalmente tudo que viram e ouviram. Depois desta explicação, ele disse-me que era chegado o momento de voltarmos. Eu ainda estava segurando aquela caixinha, que não foi retirada de minhas mãos nem quando eu dormi. Quando acordei estava sem o capacete, sem a pulseira e sem as minhas sandálias, mas a caixinha estava em minha mão. Antes que tudo fosse desligado, pedi-lhe novamente um objeto da nave ou talvez de seu uso pessoal, como lembrança deles.

Ele disse-me que não era permitido retirar objetos da nave. Não fiquei muito contente com a resposta. Despedimo-nos e, logo após, nossos capacetes e tudo mais foi retirado de vez. Enquanto Karran e o outro rapaz guardavam os capacetes, eu aproveitei o momento para esconder a caixinha embaixo do meu braço. Eles voltaram e começamos nosso caminho de volta para casa, retornando à mesma sala quadrada onde foram feitos novamente todos os exames anteriores. Mais uma vez entramos naquela mesma caixa de vidro.

Quando tudo estava pronto, dirigimo-nos para o elevador, que se abriu automaticamente sem nenhum botão na parede da sala para isso.

Então, muito mais calma e refeita do susto inicial, pude reparar com mais cuidado outros detalhes. A luz daquele compartimento enorme, onde as naves estavam estacionadas, vinham diretamente do teto, ocupando todo o espaço de cima, como se fosse uma grande lâmpada.

Quando nos aproximamos da nave na qual estava nosso carro, notei que esta continuava com a escada ainda abaixada. O rapaz que estava com o meu companheiro, subiu junto com ele, na frente. Em seguida, eu e Karran dirigimo-nos para o nosso carro e eles nos ajudaram a fechar as portas. Logo após, o rapaz que estava ao lado de meu companheiro foi até a escada por onde havíamos subido e pisou num contato colocado ao lado da escada. Esta fechou-se imediatamente, sem deixar qualquer marca no chão. Deu-me a impressão de ali nunca ter existido qualquer porta.



Em seguida, eles subiram pela escada que os conduziu à parte superior daquela nave e aquela entrada no teto fechou-se tão bem quanto a outra. Quando a luz se apagou, sentimos nossos movimentos do corpo pesados, como se uma força invisível nos comprimisse de encontro ao banco do carro.

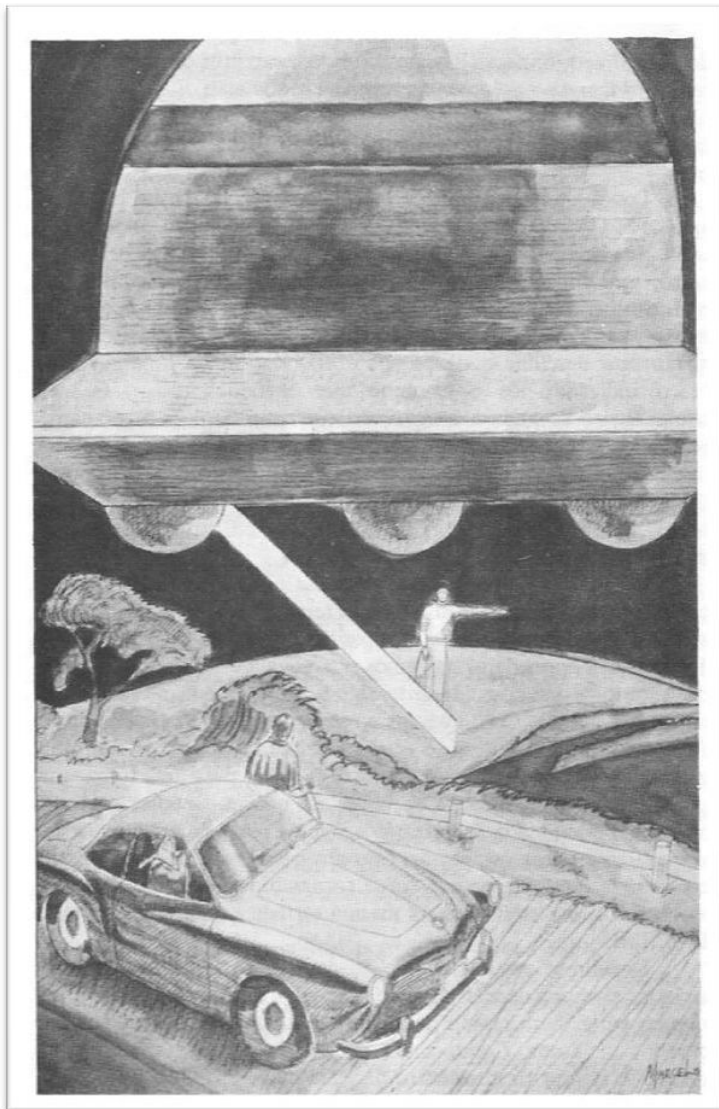
Não sei ao certo quanto tempo levou esta viagem de volta. Pelos meus cálculos, deve ter durado entre quinze minutos e meia hora. Quando as luzes se acenderam novamente, vimos Karran descendo. Ele caminhou até junto de nós, parou do meu lado, próximo do carro, e estendeu-me sua mão direita como se pedisse algo. Fingi que não entendia. Ele insistiu no gesto. Quando ele percebeu que eu poderia não estar entendendo, apontou para debaixo do meu braço, onde eu havia escondido a caixinha dourada. Fiquei muito sem graça e coloquei a caixinha em sua mão. Ele a segurou e, olhando para mim, sorriu. Com um sorriso e um gesto com a cabeça despediu-se *de* nós voltando a seguir para a parte superior da nave.

Logo depois sentimos a mesma sensação de quando fomos apanhados. A mesma impressão de vácuo. O carro foi colocado no chão. Estávamos novamente em terra. A nave pairava acima do carro, sem tocar o solo, colocando-se um pouco à nossa frente, mais ou menos uns sete metros de altura. Como a noite não estava muito escura, não foi difícil para nós vermos que aquela escada foi novamente descida, e, de pé sobre ela, Karran movimentava seu braço indicando-nos o caminho que devíamos tomar. O meu companheiro acendeu e apagou várias vezes o farol do nosso carro, para mostrar que havíamos entendido. Karran entrou e, pouco depois, a nave foi-se embora, a princípio, devagar, logo depois, ligou seu campo de força e, em pouco mais que um piscar de olhos, transformou-se numa estrela, muito brilhante, para depois desaparecer totalmente.

Havia terminado ali nossa primeira experiência com habitantes de outro planeta. Ficamos algum tempo, parados naquele lugar, em silêncio. Depois o meu companheiro ligou o carro e saímos. Tudo estava em ordem. Andamos por aquela estrada de terra batida, estreita e perigosa, durante algum tempo e não sabíamos que região era aquela. Continuamos e encontramos uma estrada de asfalto. Não havíamos sido deixados muito longe. Assim que entramos naquela estrada, paramos um pouco para uma tomada de posição e para colocarmos as idéias em ordem. Depois decidimos andar um pouco, até encontrarmos alguma placa de sinalização que nos indicasse onde estávamos. Não chegamos a rodar



muito tempo e a estrada, pouco a pouco, foi-se tornando familiar. Pouco depois verificamos que estávamos na mesma estrada e não muito longe de Belo Horizonte.



... -, Karran movimentava seu braço indicando-nos o caminho que devíamos tomar ...

Decidimos voltar para o Rio de Janeiro, sem visitar nossos amigos, porque, depois daquele acontecimento, nosso desejo era mesmo voltar bem rápido para casa. Nosso estado psicológico não era dos melhores. Como ainda era noite, não sabíamos quanto tempo havíamos ficado dentro daquela nave. Próximo à cidade de Conselheiro Lafaiete paramos num posto de gasolina para sabermos a hora e abastecer o carro. Assim que encostamos na bomba de gasolina, meu companheiro perguntou a hora ao rapaz que nos atendia e ele disse-nos que era quase meia noite. Nós ficamos espantados pois às 23 horas e 30 minutos nós

estávamos parados no acostamento da estrada em Matias Barbosa, que dista daquele local quase trezentos quilômetros. Como poderia, em tão pouco tempo, ter acontecido tudo aquilo conosco? A resposta às nossas dúvidas veio, então, quando meu companheiro perguntou àquele moço qual era o dia da



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

semana. A resposta que nos foi dada pelo rapaz dizia: “Se já passou de meia noite, é quinta-feira, dia 15”.

Foi ali, naquele lugar, que ficamos sabendo que tínhamos passado dois dias dentro da nave. Este fato foi tão marcante para mim que até hoje lembro quanto pagamos naquele posto para encher o tanque do carro: trinta cruzeiros.

Viajamos toda à noite conversando sobre como íamos fazer quando chegássemos em casa. Como seria nossa vida dali para frente? Mas uma coisa ficou decidida. Não falaríamos nada a ninguém enquanto não estivéssemos mais calmos. Isso porque eu não iria conseguir, pois estava ficando gaga. Chegamos em casa por volta das oito horas da manhã do dia 15. Minha irmã, Rita, estava preocupada com nossa demora, pois tínhamos ficado de voltar um dia antes. Embora quiséssemos mostrar calma, isto não nos foi possível. Além de estarmos visivelmente abatidos, eu estava com uma gagueira que antes não existia. Com tudo isto, deu para ela notar que alguma coisa não estava bem. Por isso, com muita dificuldade, contei-lhe o que nos havia acontecido. Ela riu muito, mas, por fim, teve que acreditar no que eu estava dizendo, não pelo desenho que estava em minha mão, mas pelo fato de eu estar quase sem fala.



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br